

Dissertação de "O Uni-Verso de Quintana"  
da Mestra Prof.ª Maria Virgínia Poli de Figueiredo

A Dissertação está voltada sobre a temática da produção poética de Mário Quintana.

A autora se vale dos argumentos do mesmo poeta para provar as diversas hipóteses suscitadas na leitura da obra.

O trabalho compõe-se de quatro partes precedidas de uma introdução e seguidas de uma conclusão.

Os métodos usados podem ser reduzidos a dois, o temático e o estruturalista. Ambos imbricados para dar o maior desenvolvimento possível do conhecimento, da fruição da obra de Quintana.

Há dentro da própria temática uma arte poética — "o fazer poético" que para Quintana é uma constante de sua temática.

É uma metalinguagem dos instrumentos e dos temas do seu mundo poético.

A isotopia com base no modelo de Greimas está colocada numa posição ancilaria que favorece a percepção poética dos textos.

A Prof.ª Maria Virgínia Poli de Figueiredo ao tomar uma atitude crítica perante o modelo de Greimas conquistou mais valor e força para a descoberta e fruição da temática de Quintana.

Ir. Eivo Clemente

PAUL, Anabel — **Juramento de Bandeira**. Porto, Ed. da A., / sd

Anabel Paul, jornalista, conferencista e escritora portuense lança um novo livro de poemas, **Juramento de Bandeira**, após distinguir-se nas letras do Porto com os livros de poesia, **Pedaços de Alma** (1961) e **Horas Luminosas** (1968), e com algumas conferências sobre a obra e a personalidade de Albert Camus e Antônio Nobre, além de artigos em **Portugal d'Aquém e d'Além Mar**.

Poesia numa linha sentimental e doméstica, girando em torno do amor filial ou do amor à Pátria, Anabel Paul permanece numa evidente equação individual do mundo e das coisas, num tom elegíaco e emotivo. Sua poesia é de exaltação à natureza e às coisas de Portugal, de visível cariz sentimental ou sensorial, como se vê nos versos:

"Preciso urgentemente  
De três preciosos sentidos:  
Um coração, uns olhos, uns ouvidos  
De tamanho invulgar."

Outra tônica da sua poesia consiste na tentativa de descobrir alguns aspectos mais expressivos de regiões portuguesas, num evidente saudosismo:

"Quem vai pelo Minho  
De longada  
Descobre mundos encantados!  
Poéticos solares  
de portões brazonados  
Saudosos do aprimo  
De nossos avós."

A Pátria, os filhos, os ancestrais, tudo isso permanece num "substrato de névoa" da saudade, que a poetisa tenta recuperar perdidos para sempre no tempo que estão.

O patriotismo, num tom elegíaco e exaltado da gente e da terra portuguesa, nos remete a um lirismo de tom tradicional que na literatura portuguesa teve muitos cultores, entre os quais Garrett e António Nobre.

Poesia de equação puramente individual, subjetiva e sentimental, a solidão, o amor, a dor, a tristeza aparecem como seus componentes fundamentais. A sentimentalidade feminina e feminizante do lirismo está sempre presente no tratamento altamente efetivo dado aos temas.

Por fim, ressalte-se o tom declamatório de algumas poesias de Anabel Paul, roçando às vezes o épico:

"Ó MAR! Ó MAR!  
Manto sumptuoso da Terra!  
Tesouro de caprichoso arminhol  
Fescura vivificante da Serra,  
Poesia do nosso caminho!"

ou, em "Apelo à Raça",

"Os fastos gloriosos do Passado  
Ainda repercutem hoje e sempre  
No solo Lusitano abençoado  
Onde Deus pede ao Mundo que contemple  
Esta alta lição de Cristandade  
Da Trabalho, Coragem, Lealdade!"

Em síntese e em conclusão, a poesia que Anabel Paul nos apresenta em **Juramento de Bandeira** caracteriza-se pela sentimentalidade, pela exaltação à natureza e às coisas de Portugal, pelo saudosismo, pelo subjetivismo e pelo tom declamatório por vezes.

A aguardar o próximo livro de poesia de Anabel Paul.

João Décio  
Carlos Alberto Iannone

## OS MANUAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O livro didático, como frisávamos em artigo de jornal, tem a sua função básica e insubstituível na aprendizagem.

Ao falar de língua materna o interesse e a importância do livro-texto, do manual, crescem ainda mais.

O livro é inseparável do estudioso, deve estar sempre ao alcance das mãos, por isso é que o chamamos de MANUAL.

Por uma dessas belas coincidências neste 1976 entre os muitos manuais aparecidos, dois, em especial, me são caros, dois me falam de muito perto.

Em março apareceu o livro — **COMPREENDER E EXPRESSAR**, (P. Alegre, Sulina) de José Fernando de Louzada Miranda. Livro orientado para o estudo de textos. Livro voltado para a redação pelos textos. Ler, compreender e expressar como dizia na sua base pedagógica a prof.<sup>a</sup> Magda Soares. José Fernando procura, pela leitura dos textos, levar os alunos à compreensão e da compreensão para a expressão oral ou escrita.

É um trabalho interessantíssimo, o aluno entusiasmado pelo professor hábil e cuidadoso preparador de aulas, vai entrando tranquilamente no emaranhado do texto. Vai descobrindo as belezas ocultas nos períodos, nos parágrafos e no texto todo.

Uma das técnicas preconizadas por José Fernando é trabalhar com fichas de leitura. A ficha de leitura desenvolve mecanismos de atenção; aguça a percepção e prepara a fruição da beleza do texto.

**COMPREENDER E EXPRESSAR** tem uma riqueza ampla e viva de modelos de fichas de leitura. Há alguma teoria, e muita prática. O livro ensina a fazer fazendo... Ensina a compreender, compreendendo. Ensina a expressar expresando... É quase uma sentença acacliana, mas é o óbvio que muitas vezes se oculta atrás da espessa penumbra de modernas e novidadeiras teorias.

José Fernando Miranda soube e sabe dar o toque do novo, sempre ligado à tradição, ao passado que se torna presente.

Quatro meses depois aparece outro manual — **PORTUGUÊS INSTRUMENTAL**, (Porto Alegre, Graphé) das professoras: Dileta Silveira Martins e Lúbia Scliar Zilberknop. Livro completamente diferente do primeiro, também voltado para o ministério da língua, para o fazer lingüístico. Livro simples, formado de sete partes — que vão do estilo ao português técnico profissional, passando pela redação, em várias formas. A gramática está presente em tópicos abordados, aqui seria preferível uma visão global.

Realmente é um livro que visa à prestação de serviço aos colegas, professores de Português, aos alunos e aos estudiosos que se preocupam com o bem escrever a língua vernácula.

Nos dois manuais vemos duas atitudes que se conjugam em um só objetivo — o uso, o domínio da boa linguagem para facilitar o diálogo entre as pessoas, entre os grupos humanos, para curar a afasia social.

O professor José Fernando visa ao uso da linguagem mais nos aspectos literários sem descuidar os aspectos práticos. As professoras Dileta e Lúbia visam ao uso do Português como INSTRUMENTO sem descuidar o lado estético. As colegas parecem mais pragmáticas em oposição ao colega que tem a preocupação da estética, em busca do belo, da educação da sensibilidade.

Ambas as posições são válidas e importantes para a formação das novas gerações, que devem construir-se por dentro em sua aculturação, em seu mundo interior, para tornarem mais humano o mundo em que vivemos.

### Ir. Elvo Clemente

## "BANZÉ NO OESTE", UMA NARRATIVA METASSEMIÓTICA

### I — PRESSUPOSTOS

A narrativa fílmica tem ocupado a atenção de um número cada vez maior de teóricos e de leitores, na medida em que os estudos semiológicos fizeram ascender, ao nível de seriedade e pertinência, manifestações consideradas como subculturais, embora consagradas pelo grupo social. Dentre as diversas linguagens através das quais se manifesta o homem contemporâneo, o estudo da significação no cinema vem-se beneficiando dos progressos da Lingüística e das pesquisas da Semiologia.

Assim, alinham-se, lado a lado, estudos sobre histórias em quadrinhos e pintura concretista, sobre Western e Mallarmé, sobre Shakespeare e Ian Fleming. Os elementos classificatórios deixam de ser de ordem externa, para serem intrínsecos à natureza da própria obra; deixam de ser sociológicos para serem estéticos.

O homem primordialmente narra. Desde sempre organiza os acontecimentos em seqüência temporal. É a narração o traço conjunto das manifestações humanas, independentemente das substâncias em que se realizam, dos canais utilizados para manifestação.

Não se trata de reduzir o cinema à Literatura ou à Lingüística, mas sim de explorar uma categoria que não se realiza preferencialmente nesta ou naquela substância, mas em toda aquela que o homem deseja manipular. Trata-se de evidenciar o processo de organização narracional quer de sistemas monosubstanciais quer polisubstanciais e mesmo no seu interior.

A narrativa fílmica, recortada na dupla substância sonora-visual, intersecciona dois verossímeis: o verossímil do discurso e o verossímil da representação. É preciso, entretanto, considerar que há narrativas semióticas e metassemióticas. Esta taxinomia provisoría se refere a narrativas em que apenas o plano do discurso é uma semiótica, opondo-se a uma narrativa em que o plano da história já é um verossímil, uma semiótica em que se alicerça a do discurso e da representação.

A sátira se enquadra na categoria da narrativa metassemiótica. Relacionando com as funções da linguagem de Jakobson, poderíamos dizer que como forma híbrida realiza, no seu processo de construção a função referencial da linguagem enquanto linguagem-objeto e função poética enquanto metalinguagem.

É importante ressaltar que em tais narrativas a significação só ocorre se o leitor reconhece repertório sobre a qual ela se ergue, ou seja, é o conhecimento do verossímil da história que garante os verossímeis do discurso e da representação.

Durante a exibição do filme "Banzé no Oeste", Blazing Saddles, no original, sob a direção de Mel Brooks, uma observação da relação platéia/narrativa mostra como, independente de situações que são cômicas em sua manifestação mais simples, ou seja, ao nível do verossímil da história. Há, por outro lado, uma série de cenas em que somente o público que conviveu com os tradicionais filmes de Western, vê hilariedade. É justamente a posse do verossímil da história que possibilita tal efeito.

O verossímil da história é uma semiótica que se constrói de tipos e situações estereotipadas. O estereótipos são desdobramentos arquetípicos. Sobre arquetípos, pode-se dizer que são produções espontâneas dos grupos sociais. Correspondem a um molde flexível que se produz a partir das manifestações concretas, nas diversas culturas. É preciso, contudo, que uma cultura os preencha para que ele se solidifique. Assim, o fortalecimento dos arquetípos decorre da ocorrência dos estereótipos.

São os traços redundantes no comportamento (gestos e atitudes) humano que fundamentam o arquetipo e, conseqüentemente, o estereótipo; o primeiro, enquanto imanência, o segundo, enquanto manifestação. É justamente por representar experiências humanas típicas, é enorme o seu valor emocional e pertinência cultural antropológica. É uma galeria de estereótipos e situações estereotipadas que constitui o paradigma de que se nutrem os sintagmas discursivos, em especial naquele tipo de discurso cuja função primordial é a atuação social.

Por outro lado, baseadas na referencialidade de sua relação traço-homem ou traço procedimento, os parâmetros que se erguem

são fortes e permanentes, funcionando como padrão de descodificação (código). As alterações ocorrem, mas com a lentidão que marca todas as operações que visam a alterações ideológicas expressivas. Assim, a construção de novos paradigmas, a transgressão aos códigos prevaletentes numa sociedade, é sempre, em termos de grupo social, recebida com restrições. Gradual e lentamente, no entanto, uma nova ordem se estabelece no universo entrópico da cultura.

## II — EVIDÊNCIAS

"Banzé no Oeste" é uma narrativa metassetiote. Alicerçado no quadro de estereótipos do gênero WESTERN, joga também com elementos do próprio fazer cinematográfico. É assim que correm paralelos o plano do ser e do fazer da manifestação narrativo-filmica.

Esse desdobramento se repete no verossímil do discurso em que a narração do ataque-defesa a Rock Ridge alterna com cenas de sua filmagem, de que é exemplo a presença da orquestra em pleno oeste, executando portentosa melodia que serve de fundo musical à chegada do Xerife. Há, contudo, uma cena que realiza de forma evidente a conexão entre as duas estruturas narrativas: a luta na cidade-logro no decorrer da qual uma tomada panorâmica realiza a passagem para a cidade-cenário, metonimicamente os estúdios. A partir de então a seqüência Ataque/Resistência de que são protagonistas o promotor Heddley Lammar e o xerife, numa representação também metonímica dos agressores e dos agredidos. Há um equilíbrio na alternância das duas estruturas.

A cena final "A saída da cidade" realiza de forma prodigiosa a fusão das micro-narrativas que realizam o verossímil do discurso. O elemento de realização é o veículo, ou seja, o cavalo-carro.

No que se refere ao fazer cinematográfico, são satirizados os procedimentos típicos da "Meca do Cinema, tais como: o Oscar, o estrelismo (Heddy Lammar e Douglas Fairbanks Jr.), o registro das impressões nas calçadas famosas de Los Angeles, os clichês sonoros e lingüísticos ("Vamos pegá-los no desfiladeiro."), bem como os estereótipos do diretor voluntarioso, do mocinho de impecável traje e cavalo, dos artistas e extras no azáfama das filmagens. Tais ocorrências aparecem designadas o nível da CINEMATOGRAFIA com ARTISTICIDADE, subsumindo o promocionismo, a excêntrica e a premiação. Ao nível do Western, uma nova subdivisão ocorre: western propriamente dito e poder.

O conteúdo ideológico da sociedade-objeto aparece explicitado nos estereótipos que definem o Poder e a Cinematografia; no que concerne ao Western, a narrativa atualiza anti-estereótipos, predo-

minantemente. Assim, é acentuado o procedimento corrupto da máquina governamental e a figura de negros e cowboys executando movimentos efeminados. O jogo narrativo se nutre da oposição Bem e Mal, Justiça e Crime; as ações que realizam tais oposições evidenciam o conteúdo ideológico que suporta a organização social americana... Assim, o índio americano foi insistentemente apresentado com uma fisionomia que justificasse o processo de espoliação e extermínio a que era submetido pelo branco, em mais uma concretização do "mito ariano". O estereótipo do negro é outro exemplo de hiperbolismo acentuado e caricaturização pela própria evidênciação do racismo.

Em "Banzé no Oeste" é um procedimento anti-estereótipo que realiza a narrativa. Daí decorre a imprevisibilidade como medida da informação e da comicidade. A sátira ao Poder constituído se revela pelo grotesco das situações e das figuras representadas. As instituições sociais e seus males característicos: um governo corrupto, mulherengo e inconseqüente a ambição ao Senado e à História; um promotor, assistente de governador, de índole usurpadora, espírito de burla à lei, mas de força decisória, brinca maliciosamente com sapinhos de plástico durante o banho; os deputados sonolentos e amorfos aprovam a tudo por mutismo e desinteresse e uma secretária de vantajoso busto e esvoaçantes cabelos a sacudir em sorrisos sua burrice. Um tipo à Napoleão, marcado pelo estrabismo e por uma série de tiques nervosos, encarna de cuecas e paletó o governo americano. Completando o quadro de arbitrariedades, um carrasco de feições medievais e indefectível sotaque inglês pratica execuções sumárias, não deixando à margem o caráter leviano da pretensiosa justiça humana.

O Oeste, terra promissora, recebe igual tratamento. Assim, aparece o lugarejo bem aos moldes dos cenários hollywoodianos: a delegacia, a casa de comércio, o saloon, o tempo, as ruas semi-desertas, sacudidas de quando em quando pela passagem de barulhentos cowboys. Esses mesmos aparecem configurados satiricamente pelo medo e infantilidade, quebrando com a imagem do machismo e intrepidez. Tal ocorre em uma das cenas iniciais do filme em que se alternam cantos lânguidos, insinuantes meneios e servilismo, num processo em que negros e cowboys agem estereotipadamente, mas numa troca irônica de procedimentos. A decantada rapidez no gatilho se esgota pelo próprio hiperbolismo com que foi apresentada, acrescida da imagem do "Gatilho do Oeste", Waco Kid, como um ser em decadência pela bebida, um moleirão trêmulo. De prisioneiro passa a companheiro do xerife, representando uma inversão nos pares Branco/Preto, Justiça/Crime, ou seja, Branco está para Justiça, assim como Preto está para Crime. Waco Kid reforça, por uma atitude antitética, o estereótipo.

O racismo, por sua vez, ultrapassa a dimensão do negro, em-

bora mais acentuada, para atingir os índios, chineses e mesmo irlandeses. Sua maior expressão é a figura do Xerife. É ameaçado de morte em sua chegada, condenado ao isolamento e, por fim, reconhecido como herói, numa cena final típica de "happy end", com lágrimas, discursos e lenços ao vento. Forma par opositivo com Lily Von Stupp, o canário alemão, de voz rouca e desafinada, sotaque germânico, envolvida em renda negra, capaz de dinamitar um auditório. De sedutora passa à categoria de seduzida: o preto vencendo o branco e, justamente, de traços evidentemente europeus. É um processo que pode ser aproximado ao repúdio e aceitação do xerife pelo povo.

Não fica esquecida a caricaturização do crime, representado pelo recrutamento do bando de celerados. O banho reúne membros da Ku Klux Klan, motociclistas, mexicanos, árabes, soldados alemães, todos submetidos a testes de coragem e sadismo que só conseguem configurar o ridículo e a covardia.

Presente, também, a figura do bobo: Mongo. Aparece ridicularizado e usado pelos outros, mas capaz de tiradas filosóficas, tais como: "Sirvo de juguete nas mãos dos homens." A força vencida pela habilidade é evidenciada na cena em que Mongo, gigante de força e brutalidade, domina a cidade pelo medo e acaba vencido pelo "balagrama" e seu entregador de passo ligeiro, voz polida e gesto delicado e servil.

O Conselho Municipal reúne, por outro lado, tipos tais como o pastor míúdo e insignificante, a professora de touca de babados, óculos e recato, o prefeito, sempre levantando alternativas de solução, e, sugestivamente a composição do Conselho de membros de sobrenome Johnson, onde A concorda com B que concorda com C que concorda com D. Esse mesmo conjunto parte de oponente à figura de adjuvante em relação ao Xerife (metáfora viva do racismo, encarnando ao final da narrativa a figura impoluta e salvadora de grandes mitos do Western, tais como Randolph Scott).

O quadro que se segue pretende dar conta das relações que suportam a narrativa.

Assim, foram propostas duas estruturas: WESTERN e CINEMATOGRAFIA. O RACISMO aparece relacionando o aspecto WESTERN propriamente dito e o PODER, aspecto derivado e dependente do anterior; interseccionando a temática que os desenvolve aparece o personagem XERIFE. Quanto à temática REPRESENTAÇÃO, ela se põe como ponto de junção das duas grandes estruturas; quanto à actancialidade, ARTISTAS realiza papel homólogo. Mais precisamente, o verossímil da representação é anulado pelo desvendamento do processo de filmagem e atuação dos atores.

Em "BANZÉ NO OESTE", o anti-verossímil se alinha ao anti-estereótipo, conseguindo nesse jogo significativo um resultado inusitado: em sua aparente simplicidade é uma narrativa de estruturação complexa, um desafio para a análise semiológica. Quanto à comicidade cênica, basta assistir ao filme.

## TRAVELLER'S NOTES

### THE SHAKESPEARE COUNTRY

Stratford-Upon-Avon is a small but famous place not very far from London. It is an attractive market town in the midst of a pleasant countryside of orchards and market gardens.

The town is splendidly situated upon the level sites of the River Avon and has long been a favourite place not only for its charming surroundings and picturesque architecture but also for its great literary interest. It was in this town that **William Shakespeare** was born in 1564, on 23rd April, the very feast-day of England's patron saint, St. George.

Everything in this town is associated with the idea of Shakespeare. The heritage of Tudor buildings attracts interest. Many houses preserve the timbered fronts of Shakespeare's time. The influence of the poet is so great that at the **Shakespeare Inn** the rooms bear not numbers but the names of his plays. All the historical places have been carefully restored to their original appearance, and furnished with contemporary furniture and Shakespearian relics.

Hundreds of thousands of visitors from many parts of the world come every year to visit the little country town and see all the historical places associated with the great writer.

Visitors usually begin with The Birthplace where he was born. The house is a small edifice of wood and plaster, a timbered Tudor cottage. It is a two storied building with a narrow stair that leads up to the Birthroom from which we can look out through the dim little diamond panes of lead glass into Henley Street. The furniture, dating from the 16th and 17th centuries, is of the type used by a prosperous middleclass family of the period. Among the relics which this celebrated place contains in its many rooms, the favourite object of curiosity is Shakespeare's chair.

The old **Grammar School** in which Shakespeare received his education, is one of the oldest and most interesting buildings in the town.

Visitors enjoy wandering on the banks of the Avon, watching the swans gliding along the surface of the river. They also like to see the **Stratford's Bridge** by way of which Shakespeare crossed the Avon when he set off to seek his fortune in London.

Stratford's citizens take pride in the Festivals commemorating their famous townsman at the annual Birthday Celebrations. It is thrilling to attend the performances of his plays, given through the summer in the **Royal Shakespeare Theatre** beside the placid River Avon. A permanent theatre was built in 1879, together with a Picture Gallery and Library. In 1926 another theatre, erected in circular form on the model of the Globe was destroyed by Elizabeth Scott and opened in 1932 provided an architectural contrast to its predecessor for it is essentially of the 20th century. This theatre ranks among the finest and best-equipped theatres in the world. The Shakespeare Season (from April to September) comprises a selection of Shakespeare's plays performed by leading actors and actresses of the London Stage. The productions are of a very high quality. An interesting **Museum** is found in a special room of the theatre building. Unique of its kind, it comprises the portraits or sculptured busts of famous actors who have played the different characters of Shakespeare's plays.

South of the theatre is **Holy Trinity Church** rich in historic and architectural interest. Although chiefly Perpendicular, it also has English and Decorated architecture. The church building is approached along an avenue of limes, representing on one side the twelve tribes of Israel, and on the other the eleven faithful apostles. The interior of the church is spacious and there are several monuments on the side walls. Close by the main door are the registers in which Shakespeare's baptism and burial are recorded, as well as the original font at which he was baptised. This ancient and beautiful church which ranks among the finest medieval parish churches in Britain, is not only the place where Shakespeare was baptised and attended services, but also has a chancel where he and his family are buried. There are four lines inscribed on the tomb of Shakespeare, said to have been written by himself.

"Good friend, for Jesus sake forbear  
To dig the dust enclosed here.  
Blessed be he that spares these stones,  
And curst be he that moves my bones."

The inscription on the tombstone has prevented the removal of his remains from his native place to Westminster Abbey in London. He died on 23rd April, 1616 when he was 52 years old.

The cellar footing are all that remain of **New Place**, the impressive town house Shakespeare bought to live on his retirement from London, and while his plays were great successes. Today the foundations have been made into a formal garden known as **New Place Gardens**, one of the most delightful places in Stratford, planted with every flower and shrub mentioned in Shakespeare's works. In these gardens he must have spent many happy hours in the evening of his life.

The Shakespeare Country is a good deal more than the town of Stratford-Upon-Avon; it comprises the pleasant village in the neighbouring countryside which Shakespeare knew so well and which still retain their peaceful rural atmosphere.

The opportunity to visit many of the fine old country houses is yet another good reason for touring the Shakespeare Country.

Four miles east of Stratford is **Charlecote Park**, the magnificent home of the Lucy family, where Shakespeare is said to have been caught stealing the deer from the park.

In the village of Wilmcote, three miles from Stratford, is **Mary Arden's Cottage**, a Tudor farmhouse where Shakespeare's mother was born and lived her early years. In the old building at the back of the house there is an agricultural museum of unusual interest.

A mile or so outside the town, in the village of Shottery, is **Anne Hathaway's Cottage**, the girlhood home of Shakespeare's wife. The building is a lovely thatched cottage with many flowers in its delightful garden. This prosperous farmhouse by the side of the road still contains items of furniture used by the Hathaway family.

The historical town of Warwick, the capital of the Warwickshire county, is a peaceful town. **St. Mary's Church** is worth visiting for its famous Beauchamp Chapel; the small town also has a wealth of interest for the tourist in its **Lord Leicester's Hospital** for the poor, built in timbered Tudor style, and unaltered since it was founded by Lord Leicester himself.

And then comes **Warwick Castle**, with its superb situation on the top of a rock, its brilliant associations, and its magnificent furniture and works of art. Originally built in Saxon times by one of the daughters of Alfred the Great, it was rebuilt under the Norman Conquerors, and much of the interior was redesigned in sumptuous style in the 17th and 18th centuries. The Castle with towers and battlements high above the Avon, is the proudest sight in all the Shakespeare Country, as proud as the peacocks which roam its gardens projected by Brown.

On the other side of the Avon, near the Castle is **Leamington Spa**, a most attractive town. Its medicinal springs were discovered in the 16th century but the town only assumed the dignity of a Royal Spa with Queen Victoria. This well planned resort and watering-place with its Regency and Early Victorian architecture, has good hotels and shops, beautiful parks and avenues.

Many people visit the Shakespeare Country every year. Among the most important places is Stratford-Upon-Avon, the town where not only the poet was born and spent his formative years, but to which he returned in the fullness of his achievement.

Not every genius is so human as Shakespeare and for that reason, not every genius is so widely loved.

Olga Creidy